

# Da angústia ao desejo do analista

Zilda Machado

---

## Resumo

A angústia é o ponto último diante do real, sendo portanto uma balisa na condução do tratamento. Neste texto a autora aborda a questão da angústia não do lado do analisante, mas do lado do analista, para mostrar como foi através do conceito de contratransferência que Lacan pôde formalizar o conceito de desejo do analista. O que está em jogo então é a análise do analista enquanto propicia na economia do desejo do sujeito o surgimento de um “desejo maior”.

## Palavras-chave

Angústia, Analista, Contratransferência, Desejo do analista.

O ensino de Lacan tem um fio condutor e no ano de 1962/63, no *Seminário X - A Angústia*, ele continua trabalhando a questão do sujeito do Inconsciente, aquele que é constituído no Campo do Outro, no encontro de duas faltas. Ele não sabe o que diz e muito menos sabe o que deseja: o sujeito, portanto, como falta-a-ser. Ou seja, para além do que se inscreve na linguagem, há um resto que pulsa no coração do sujeito e inscreve o lugar de um objeto, um vazio que Lacan pôde demonstrar no seminário anterior, o da Identificação. E Lacan traz uma questão: a este sujeito, que objeto lhe corresponde? Qual é seu estatuto? E ainda mais: o que se produz quando do encontro do sujeito com o objeto? É aí que vem à baila a angústia, o afeto que não mente.

Portanto, trata-se de, no percurso desse seminário, através da angústia, chegar a construir um saber sobre o objeto. No início ele é pensado como objeto do desejo do sujeito, mas ao final, Lacan elabora que não há o objeto do desejo, o que há é o

objeto como causa de desejo, semblante, e o denomina “objeto a”.

Ou seja, no seminário da Angústia, Lacan aprofunda a função do objeto na experiência analítica, e o toma pelo viés da angústia, este fenômeno que mostra o ponto mais próximo onde se está diante do real. Ponto onde o resto se apresenta desvelado de toda cobertura. Ponto diante do qual, desamparado diante do real, sem o véu da imagem ou a tradução significativa, o encontro com a coisa provoca no sujeito o afeto que não mente.

Para Freud “a angústia é uma reação ao perigo de uma perda de objeto”<sup>1</sup>, Lacan, porém, aponta outra coisa: a angústia não é sinal de uma falta, ela é sinal de uma falta do apoio da falta. A falta estruturalmente coloca o sujeito a desejar. O que vemos na angústia é que nesse lugar onde deveria estar a falta, um objeto vem tamponá-la. A angústia, portanto, não é perda de ob-

---

1. FREUD, S. Inibição, sintomas e ansiedade, p.194.

jeto, não é a falta de objeto, mas ao contrário, é a sua presença, é a presença de um objeto maciço, um objeto que é o mais íntimo, o mais profundo, o objeto último, a coisa, por isso, ela é o que não engana.

Aprendemos com Freud e com Lacan que diante do vazio, do ponto oco da estrutura, o sujeito utilizará o falo e o objeto a para justamente operar com este ponto. O falo produz a operação pela via simbólica. Já o objeto a, criado por Lacan, permitiu à psicanálise operar com o real, o que insiste, o que repete, o que se mostra por não ter a via da linguagem para se expressar. Portanto, para apreendê-lo, trata-se de, na clínica, verificar onde se mostra o real, o ponto da falta cujo recobrimento não se dará pela via da tradução em palavras. Por isso a angústia serve de baliza, de norteador para a condução do tratamento, pois o que ela presentifica é que ali, naquele ponto preciso onde surgiu, está-se próximo do objeto a, portanto, do real.

Nesse seminário Lacan nos mostra que a angústia, e portanto o objeto a, se presentifica na clínica do lado do analisante, mas também que ela pode aparecer do lado do analista na condução de um tratamento. Interessei-me por tomar justamente este ponto da clínica. Vamos acompanhar com Lacan a angústia do lado do analista. Ele o faz no seminário da Angústia, a partir da lição X, tomando os famosos “textos da Contratransferência” dos pós-freudianos para, através de uma elaboração sobre este conceito, avançar até o ponto onde teorizará o conceito de “desejo do analista”.

Lacan faz uma crítica muito particular a estes textos, em nenhum momento ele os critica negativamente. Aliás, parece-me que ele toma estes autores com o respeito de quem está perante um analista que, diante dos impasses de sua clínica, buscava uma elaboração que lhe permitisse ultrapassar o impasse a que a experiência clínica o levou. O problema é que eles buscavam a resposta a esta questão em seu próprio inconsciente. É justamente daí que

Lacan parte, verificando que se é essa a resposta do analista, ela entranha equívocos e enganos. Mas, ele demonstra nessas lições que foi a partir do conceito de contratransferência que se pôde indicar o lugar topológico do desejo do analista.

E o que é a contratransferência? Na lição XIII do *Seminário VIII – A Transferência*, Lacan, elaborando sobre este assunto, nos dá uma conceituação: “A contratransferência (...) é feita de sentimentos experimentados pelo analista na análise, e que são determinados a cada instante por suas relações com o analisando”<sup>2</sup>, ou seja, trata-se justamente da incidência da presença do analista, como sujeito, em sua prática.

Ao introduzir a questão da contratransferência, o que Lacan introduz é: “toda vez que se leva suficientemente longe um discurso sobre a relação que mantemos, como Outro, com aquele que temos em análise, coloca-se a questão do que deve ser nossa relação com esse a”<sup>3</sup>. Ou seja, a relação com o objeto a é relação com a falta, e portanto, com o desejo, ou então, como vimos, com a angústia. Por isso, se não for o desejo do analista o que sustenta o analista em sua prática, será, por uma questão lógica, o desejo inconsciente do sujeito-analista que advirá.

É por isso que Lacan introduz a questão da contratransferência, um conceito por demais frouxo, para, através da crítica a ele, construir o conceito de desejo do analista. Embora difícil de definir, o desejo do analista é preciso: ele é uma função! O que é articulado a partir de um rigor lógico que leva em conta um saber sobre a causa, sobre a verdade da estrutura, que é o vazio do real, e que concerne ao final da análise.

Também no seminário da Transferência, Lacan coloca uma questão que me pareceu bastante pertinente: ele se pergun-

2. LACAN, J. *O seminário, livro 8: a transferência*, p.190.

3. LACAN, J. *O seminário, livro 10: a angústia*, p.154.

ta sobre um ideal de impassividade que se faz da análise. “Diz-se que o analista tem de ser impassível”, neutro, e ele indaga: “Para que o analista não esteja sujeito ao fenômeno da contratransferência é necessário então uma completa redução da temática do próprio inconsciente do analista?” Mas ele logo a seguir acrescenta: “Não temos como formular que seja isso que coloca o analista fora do alcance das paixões”. Ou seja, sabemos que a análise levada até muito longe é absolutamente necessária àquele que deseja ocupar este lugar para um outro, e aí trata-se de buscarmos demonstrar por que isso é insuficiente para fazer dele um analista.

Dito de outro modo, então, se não é só a decifração de seu próprio inconsciente que vai levar o analista a não misturar as coisas, o que mais está aí em jogo? E Lacan coloca: “*deve mesmo haver, ainda assim, algo de justificado na exigência da apatia analítica, deverá ser realmente necessário que esta se enraíze em outra parte*” (grifos meus). Ou seja, trata-se de verificarmos em que ela se enraíza. A neutralidade é desejada, poderíamos dizer, ela é necessária, mas ela se enraíza não na decifração do Inconsciente, mas em outra coisa. Em quê? E Lacan responde que é somente na medida em que ele, o analista, for possuído por um “*desejo mais forte que os desejos que poderiam estar em causa, a saber, de chegar às vias de fato com seu paciente, de tomá-lo nos braços ou atirá-lo pela janela*”. E ele continua: “*isso acontece. Eu teria mesmo maus augúrios, ousou dizê-lo, para alguém que jamais houvesse sentido isso. Mas, enfim, ... isso não deve acontecer de maneira comum*”<sup>4</sup>.

Mas, por que isso não deve acontecer, sem que seja um imperativo? Lacan nos mostra por quê: É em razão do seguinte: é porque o analista pôde e pode dizer: “*Sou possuído por um desejo mais forte. Ele está autorizado para dizê-lo enquanto analista, enquanto produziu-se, para ele, uma mu-*

*tação na economia de seu desejo*”<sup>5</sup> (grifos meus).

Todos os autores da contratransferência, aponta Lacan, embora façam uma exposição profunda sobre sua experiência, nenhum deles pôde evitar de colocar as coisas sobre o plano do desejo. Por isso Lacan nos diz que não basta definirmos o que é a contratransferência, pois esta não é verdadeiramente a questão. A verdadeira questão é justamente o *desejo do analista*. “*Pois ao final das contas, ao menos isso não pode escapar aos ouvidos mais duros: que na dificuldade de abordagem desses autores, todos, a respeito da contratransferência, é o problema do desejo do analista que faz obstáculo*”.

Ou seja, para Lacan, tomar a noção de contratransferência é somente uma maneira de fazer avançar o seu ensino e de retirar a psicanálise da posição imaginária, intersubjetiva, que lhe deram com a noção de “two body psychology”, que supunha o inconsciente como intercomunicável. Ele consegue extrair que à noção de contratransferência subentendia-se a questão do desejo, e isso é o que verdadeiramente interessa. O analista era tomado ali, na cena analítica, em sua posição de sujeito do inconsciente, de sujeito desejante, e aí o analisante, conseqüentemente, era tomado por ele como objeto causa de desejo, ou então, de angústia. Vemos, portanto, que o conceito de contratransferência entranha a resistência por parte do analista.

Portanto, segundo Lacan, “*a única significação de contratransferência, à qual nenhum autor pode escapar, justamente na medida em que é isso o que lhe interessa, é: o desejo do analista*”.

Trata de entendermos que contratransferência é um efeito legítimo da transferência. Trata-se de um efeito irredutível da situação de transferência, que aponta

4. LACAN, J. O seminário, livro 8: a transferência, p.187.

5. LACAN, J. O seminário, livro 8: a transferência, p.187.

justamente onde se localiza para cada sujeito o seu objeto *a*. Não há intercomunicação de inconscientes, o que há é somente o inconsciente de um sujeito que só se comunica com o objeto *a* que se encontra no campo do Outro. Mas diz Lacan, “*basta supor que o analista, mesmo à sua revelia, coloque por um instante seu próprio objeto parcial, seu ágalma, no paciente com quem está lidando. Aí, com efeito, se pode falar de uma contra-indicação*”<sup>6</sup> (grifos meus).

Justamente, Lacan pontua: “*O que faz de uma psicanálise uma aventura singular é essa busca do ágalma no campo do Outro. Interoguei-os diversas vezes sobre o que convém que seja o desejo do analista, a fim de que seja possível o trabalho ali onde tentamos elevar as coisas além do limite da angústia. Certamente convém que o analista seja aquele que, minimamente, não importa por qual vertente, por qual borda, tenha feito seu desejo entrar suficientemente nesse a irredutível para oferecer à questão do conceito da angústia uma garantia real*”<sup>7</sup>. Ou seja, é a questão da causa que está em jogo.

Vemos então que Lacan introduz por este viés a questão do desejo do analista, um conceito crucial, um conceito lógico, articulável a partir da própria experiência de análise. É preciso ter ido longe o suficiente na própria análise para que este desejo se lhe advenha, mas não necessariamente isso acontece. E é este “*a mais*” que concerne ao analista: um desejo inédito, um desejo que leva em conta o *saber* sobre o real.

É porque lhe adveio um “*desejo maior*” que ele pode abdicar de seu ser na análise. O que Lacan aponta aqui é que *o analista é um sujeito desejante*, que teve na economia de seu desejo o advento de um desejo inédito; esta é a condição necessária para que ele possa se oferecer como semblante

de objeto *a* para um outro e sustentar as análises que tomar a seu cargo.

Tomando Lacan na “*Nota aos Italianos*”, para trilhar a via da função do analista, o que deve ser levado em conta é o Real. Se o final de análise puder levar o sujeito do horror de saber a consentir com o saber sobre a castração, este saber que a humanidade não deseja, é isso o que pode levar o analisante à posição de analista e a partir daí pode levá-lo a conduzir outros a este mesmo ponto. Pois a verdade do Real é a verdade da castração, “*não há relação sexual*”, e Lacan aponta: Se isso não o levou ao entusiasmo, pode ter havido final de análise, mas nenhuma chance de haver analista<sup>8</sup>.

É a partir daí que o analista poderá contribuir para o saber, sem o quê, não há chance de a psicanálise continuar sobrevivendo. É preciso, ao chegar a este ponto, ao ter acesso ao Real, por um compromisso ético com a causa analítica, teorizar, construir um saber, “*determinar o real*”, como diz Lacan, pois esse saber não se encontra pronto, é preciso inventá-lo. O sujeito, ao passar de analisante a analista, por ter tangenciado o indizível da verdade da castração, terá a partir daí um combustível para a construção do saber. A verdade, ela é para sempre não-toda dita, e é o que nos colocará sempre a trabalho, causados por esta hiância que nos especifica como seres falantes, e que, na análise, se tornou causa!  $\varnothing$

*“Não quero a terrível limitação  
de quem vive apenas do que é possível de  
fazer sentido.*

*Eu não: eu quero é uma verdade  
inventada”.*

C. Lispector

6. LACAN, J. *O seminário, livro 8: a transferência*, p.195.

7. LACAN, J. *O seminário, livro 10: a angústia*, p.366.

8. LACAN, J. *Nota Italiana*. In *Outros escritos*, p. 311.

## FROM ANXIETY TO THE ANALYST'S WISH

---

### **Abstract**

*Anxiety is the last point before the real, being therefore a conductor of treatment. In this article, the author discusses the analyst's anxiety in order to demonstrate how Lacan used the concept of counter-transference to formalize the concept of anxiety. So being, it is the analyst's analysis that proportions, in the economy of the individual's wish, the appearance of the "greater wish".*

### **Keywords**

*Anxiety, Analyst, Counter-transference, Analyst's wish.*

## Bibliografia

---

FREUD, S. (1926[1925]) Inibições, Sintomas e Ansiedade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XX.

LACAN, J. (1960/61) *O seminário – livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. Nota Italiana. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. (1962/63) *O seminário – livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

RECEBIDO EM: 04/08/2008

APROVADO EM: 11/08/2008

## SOBRE A AUTORA

---

### **Zilda Machado**

Psicóloga. Psicanalista. Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano.

### **Endereço para correspondência:**

Rua Santa Rita Durão, 321/911 - Funcionários  
30140-110 - BELO HORIZONTE/MG  
Tel.: (31) 3227-5331  
E-mail: zildamachado@terra.com.br

